



**“SÓ NÃO É O MELHOR DOS BAS-FOND POR SER A
MAIS LINDA COLINA DO RIO”. REPERCUSSÕES DA
VISITA DE MARINETTI AO MORRO DA FAVELA EM
1926**

**"IT IS ONLY NOT THE BEST OF BAS-FOND BECAUSE
IT IS THE MOST BEAUTIFUL HILL OF RIO".
REPERCUSSIONS OF MARINETTI'S VISIT TO
MORRO DA FAVELA IN 1926**

Rafael Soares Gonçalves*

Pontifícia Universidade Católica – PUC/Rio de Janeiro

 <https://orcid.org/0000-0001-8887-8931>

rafaelsgoncalves@yahoo.com.br

Mayra Cristine Pessôa Antas**

Pontifícia Universidade Católica – PUC/Rio de Janeiro

 <https://orcid.org/0009-0006-8830-8537>

pessoa.mayra@gmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende analisar a visita do futurista Marinetti ao Rio de Janeiro, em especial a sua visita ao Morro da Favella, que foi amplamente noticiada e evocada em jornais da época. Essa visita suscitou críticas e trouxe definitivamente as favelas para o centro do debate público da cidade. A partir de um levantamento dessa visita na mídia da época, o presente artigo pretende contribuir na compreensão dos significados que tal visita implicou na compreensão da inserção das favelas na sociedade carioca e brasileira no final dos anos 1920.

* Doutorado em Histoire et civilisations - Université de Paris VII - Denis Diderot e pós-doutorado no Laboratório de Antropologia da escrita da École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS. Desde 2009 é professor do Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (professor associado 2), bolsista de produtividade do CNPQ (atualmente PQ 1D-CA Psicologia/Serviço Social).

** Doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Favelas; futurismo; Marinetti; modernismo

ABSTRACT: The present article intends to analyze the visit of the futurist Marinetti to Rio de Janeiro, in particular his visit to Morro da Favella, which was widely reported and evoked in the media of the time. This visit aroused criticism and definitely brought the favelas to the center of the city's public debate. Based on a survey of this visit in the media of the time, the present article intends to contribute to the understanding the meanings that this visit implied in the comprehension of the insertion of the favelas in Rio de Janeiro and Brazilian society in the 1920s.

KEYWORDS: Favelas; futurism; Marinetti; modernism

INTRODUÇÃO

Filippo T. Marinetti era filho de italianos, mas nasceu em Alexandria, em 1876. Iniciou os seus estudos no Egito e depois foi estudar na França e na Itália. Apesar de se tornar bacharel em Direito, optou por uma carreira um tanto diferente, atuando em atividades como poesia, jornalismo e edição. Foi considerado uma figura um tanto polêmica e teve como um dos grandes marcos do seu trabalho o Manifesto Futurista, publicado em 20 de fevereiro de 1909 no jornal francês *Le Figaro*, o que deu origem ao Futurismo, um dos principais movimentos das vanguardas europeias do início do século XX e que produziu traços marcantes na produção artística moderna.

O Futurismo trazia uma proposta de romper com o passado e manter o olhar fixo no futuro com o intuito de traçar novas metas. Olhar para trás era insensato e o tempo e o espaço já não faziam mais sentido e nem mesmo continuavam a existir. De forma mais agressiva que outros movimentos contemporâneos, o futurismo defendia que era necessário alcançar o progresso, ampliar as atividades tecnológicas e incentivar a velocidade. A luta e a guerra também são vistas como pontos importantes para a arte e para outras áreas da sociedade, por serem vistas como as únicas formas genuínas de promover beleza, progresso e alcançar a verdadeira liberdade.

Contudo, nessa nova criação do futuro não havia espaço para as instituições que eram consideradas como verdadeiras âncoras da memória da

sociedade, como os museus, as bibliotecas e a academia. Elas eram consideradas passadistas e presas aos hábitos, às ideias e às formas que deveriam ser superadas. Se a sociedade não conseguisse se desvincular de tais elementos, jamais conseguiria se entregar plenamente às ações necessárias para alcançar o futuro ideal.

O futurismo influenciou outras vanguardas artísticas e literárias não tanto pela originalidade de suas ideias, mas sim pela radical mudança de tom na propagação de suas propostas. Introduz técnicas de economia de mercado e de comunicação de massa à produção artística, aprofundando o diálogo entre arte erudita e cultura de massa. Marinetti se aproxima do fascismo, o que lhe custou inúmeras críticas, inclusive, como veremos a seguir, durante sua visita ao Brasil (COPETI, 2007: 79-80). Se a aproximação com o fascismo tornava o Futurismo rejeitado por muitos intelectuais, essa retórica bélica e de rompimento com o passado manteve certo fascínio para parte da sociedade.

As ideias futuristas chegam ao Brasil ainda em 1909, quando o Manifesto Futurista foi publicado em alguns jornais da região nordeste. Por sua vez, Oswald de Andrade populariza o termo futurista quando volta de Paris em 1912, o que conduziu erroneamente a nomear a geração de modernistas brasileiros de futuristas. No entanto, as ideias de Marinetti foram rapidamente questionadas por parte dos modernistas brasileiros, sobretudo pela sua proximidade ao fascismo. Essa questão, como afirma Fabris (1994: 239), será reafirmada pela mídia quando Marinetti visita o Brasil em 1926, acusando-o de ser um agente do governo de Mussolini. Essas acusações são reforçadas quando ele publica, durante sua estada no Rio de Janeiro, no jornal *A Pátria*, de 20 de maio de 1926, o manifesto “Fascismo e futurismo” e concede, no dia seguinte, uma longa entrevista ao periódico *A Manhã* sobre as relações do futurismo com o regime italiano.

O afastamento dos modernistas brasileiros ao futurismo já era notória e grande parte da geração de 1922 não deu relevância à visita de Marinetti,

sobretudo em sua estada em São Paulo. Apesar das críticas do meio artístico e das vaias de estudantes e de parte da plateia em geral, a visita de Marinetti foi um sucesso de público. Inúmeras referências ao poeta italiano foram feitas nos jornais da época e por muitos meses. Se as vaias no Rio não o impediram de proferir suas conferências, como aconteceu em São Paulo, o deboche à sua figura foi constante, mesmo nos editoriais dos jornais.

Dentre suas peripécias em terras cariocas, a visita ao Morro da Favella foi amplamente noticiada e evocada em jornais do Rio e de todo o país. Essa visita suscitou críticas da elite carioca e brasileira e trouxe definitivamente as favelas para o centro do debate público da cidade. O discurso de vanguarda dos modernistas brasileiros buscava a identidade nacional e alçou as favelas como berço da cultura popular e elemento incontornável na construção dessa identidade, sobretudo a partir de 1924 (Berenstein-Jacques, 2006). Isso explica, conforme descreve Roberto Conduru, “o interesse do grupo composto por Oswald de Andrade, Blaise Cendrars, Tarsila do Amaral e Olivia Guedes Penteado em visitar a favela em 1924, quando estiveram no Rio de Janeiro, interessados que estavam em manifestações populares.” (Conduru, 2015: 65).

Distantes dos discursos higienistas do início século, vários artistas passaram a representar aspectos cotidianos das favelas, o que fica notório nos primeiros versos do Manifesto da poesia Pau-Brasil de Oswald de Andrade de 1924:¹ “A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos. O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça.”² Como sublinha Lohanes Ferreira (2017: 311), a representação da favela passa pelo crivo da experimentação estética nos quadros techno-naïf de Tarsila do Amaral, nas pinturas líricas de Di Cavalcanti,

¹ Como explica fabris (1994: 266), O Manifesto Pau Brasil, de Oswald de Andrade, “une o primitivismo, a estética cubista e a exaltação futurista da modernidade.”

² ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago e Manifesto da Poesia do Pau-Brasil. *Academia.edu*. Disponível em: <https://www.academia.edu/7013131/Manifesto_antropof%C3%A1gico_manifesto_pau_brasil>. Acesso em 01 de novembro de 2020.

no expressionismo de Lasar Segall, entre outros. Assim, a antítese de tudo que poderia ser aparentemente considerado moderno passa a ser a uma das principais expressões da brasilidade, influenciando uma série de artistas, como os mencionados acima, assim como Heitor dos Prazeres, Cândido Portinari³ ou mesmo Heitor Villa Lobos (BERENSTEIN-JACQUES, 2006).

Tanto os modernistas quanto os regionalistas, como demonstra Ferreira (2017: 312), contornaram o estigma da cor e da raça por meio da valorização da diferença. Como sustenta Berenstein-Jacques (2000: 184), a favela, antes considerada como a própria antítese de tudo o que poderia ser considerado como moderno, passou a ser a expressão de uma certa brasilidade. Marinetti, ao visitar a cidade do Rio de Janeiro em 1926 e certamente influenciado por esse entendimento, decide também visitar o Morro da Favella (atual Morro da Providência). Apesar do culto ao progresso e da linha reta, Marinetti também se encantou pelas curvas da cidade e pelo exotismo das favelas. O líder futurista chegou a afirmar que gostaria de apreciar a nação brasileira e “conhecer [...] os lugares onde há mais forte característica racial” no Rio.⁴

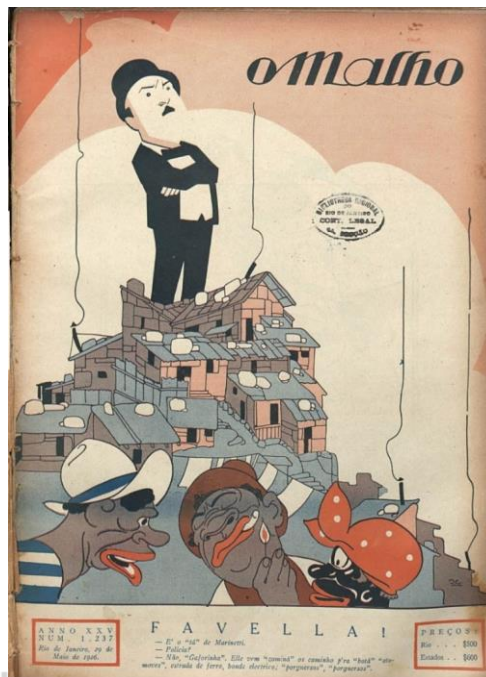
A visita de Marinetti à cidade e, em especial, ao Morro da Providência já foi direta ou indiretamente abordada por outros trabalhos (FABRIS, 1994; BARROS, 2010, BRUM, 2012 e MATTOS, 2015). A partir de um levantamento dessa visita na mídia da época, o presente artigo pretende contribuir na compreensão dos significados que tal visita implicou na compreensão da inserção das favelas na sociedade carioca e brasileira no final dos anos 1920. Abordaremos, em um primeiro momento, o contexto histórico das favelas antes da chegada de Marinetti à cidade. Analisaremos, posteriormente, o contexto de sua visita, dando ênfase à sua visita ao Morro da Favela e, por fim, discutiremos

³ Portinari foi provavelmente o artista que mais representou as favelas em suas obras, conjugando a temática de cunho social à acomodação de novidades artísticas entre 1933 e 1960 (Conduru, 2015: 69-70).

⁴ A chegada de Marinetti, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1926, citado por Romulo Costa Mattos (2015: 40).

em que medida tal visita impactou as formas de pensar as favelas no final dos anos 1920.

Figura 1. Marinetti e a Favella



Fonte: CARLOS, J. Favella! *O Malho*. Rio de Janeiro, Ano XXV, Ed. 1237, 29 maio de 1926, p. 1.

MORRO DA FAVELLA: DA REVOLTA DA VACINA AO NOVO PONTO TURÍSTICO DA CIDADE

A capa acima da Revista *O Malho*, charge de J. Carlos, representa justamente a visita de Marinetti ao Morro da Favella. Os comentários dos prováveis moradores demonstram o debate sobre o referido Morro com a visita do futurista. A pergunta se Marinetti era da polícia reforça as representações negativas do Morro como lugar violento, mas o outro morador responde que ele vinha “caminhar os caminhos” para trazer progresso. Antes de entrarmos no debate específico dessa visita, é preciso contextualizar brevemente o Morro da Favella na Primeira República.

A região conhecida por Pequena África representava a cultura afro-brasileira no início do século XX na cidade do Rio de Janeiro.⁵ Essa região se estendia da área da Cidade Nova à Zona Portuária, englobando o Morro da Providência. Como analisa Silva (2015, p.279), toda essa zona foi o suporte espacial de práticas sociais específicas, que ajudaram a conformar o território denominado Pequena África. Além da população negra, Viana (1995, p.51) afirma que os imigrantes, fossem portugueses, italianos ou judeus, majoritariamente pobres, se juntavam naquele local, construindo um espaço popular. A Praça Onze exercia um papel de centralidade dessa zona. O lugar rapidamente motivou representações distintas dos observadores. Poetas, músicos e viajantes enfatizavam a riqueza da convivência no pluralismo étnico multicultural (CARVALHO, 2013: p.107). Por outro lado, jornalistas, engenheiros, médicos e membros da elite urbana destacavam o alto crescimento de população no bairro, a falta de higiene, a degradação do tecido urbano e a falta de infraestrutura (GONÇALVES e BAUTÈS, 2019).

Segundo Romulo Costa Mattos (2004), a Pequena África e em especial à Zona Portuária era concebida como um local perigoso, onde eram reproduzidos todos os estigmas aplicados à população negra. A Zona Portuária representava a antítese do projeto elitista que se desenhava para o centro da cidade com a abertura da então Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco) pelo Prefeito Pereira Passos (1902-1906). A Zona Portuária é separada do centro da cidade por um cinturão de colinas, dentre as quais o Morro da Providência, o que sempre permitiu que os moradores dessa zona estivessem ao mesmo tempo próximos e apartados do centro. Com a chegada dos soldados da Guerra de

⁵ Esta denominação é frequentemente atribuída ao pintor e músico Heitor dos Prazeres, em referência à concentração de membros da diáspora baiana no local. “Como sugere o historiador Romulo Mattos, o nome Pequena África é uma construção histórica de intelectuais dos anos 1980, que buscavam compreender a experiência social do negro na Zona Portuária” (citado por Almeida, 2017).

Canudos em 1897, esse morro passa a ser chamado de Morro da Favella⁶ e esse termo se generaliza para os demais morros da cidade a partir dos anos 1920.

Os seus moradores eram constantemente desqualificados e considerados nocivos para a cidade. Situação essa que só piorou após a Revolta da Vacina, em 1904, já que foi uma região, que travou fortes embates contra as medidas higienistas, tendo curiosamente como epicentro da resistência o bairro portuário da Saúde, situado aos pés do Morro da Providência. Liderados por um negro, conhecido como Prata Preta, os revoltosos fizeram desse bairro o epicentro dos conflitos.

A revolta da Vacina é representativa de intervenções mais amplas de modernização da cidade, que impuseram forte modificação no cotidiano da população com a expulsão de milhares de pessoas dos cortiços do centro. A modernização da capital da jovem república se pautava em duas ideias marcantes das políticas do Estado brasileiro no início do século XX: o eugenismo e o higienismo. Como sublinha Sydney Chalhoub:

[...] a configuração de uma ideologia racial pautada na expectativa de eliminação da herança africana presente na sociedade brasileira. Tal eliminação se produziria através da promoção da vinda de imigrantes, do incentivo à miscigenação num contexto demográfico alterado pela chegada massiva de brancos europeus, pela inércia, e também pela operação de mal confessadas políticas específicas de saúde pública. (CHALHOUB, 1996:62)

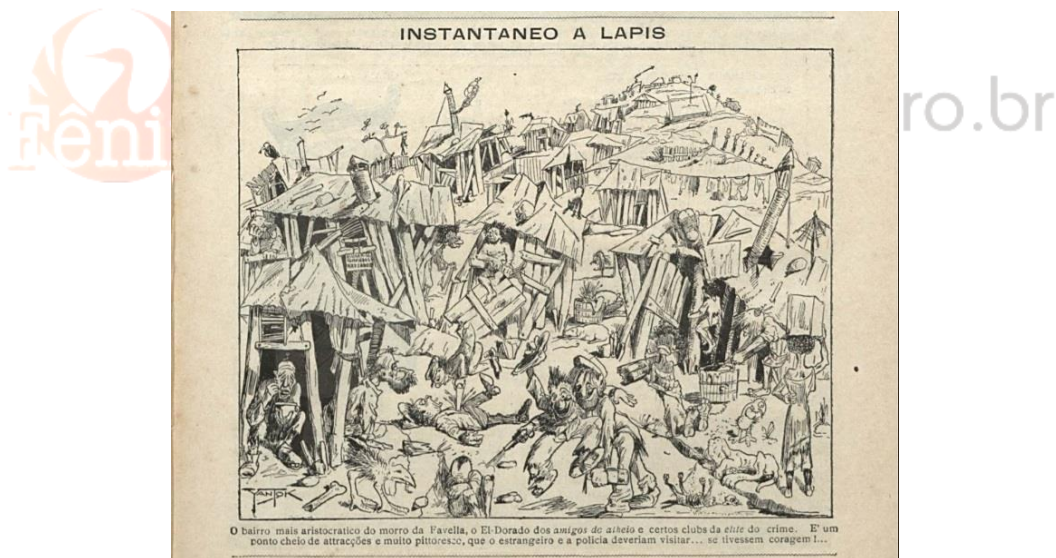
Desde o período do Império, a cidade do Rio de Janeiro foi assolada por doenças como a febre amarela, a varíola e a tuberculose. Mas dentre essas doenças, a que mais atingia a população branca era a febre amarela. Logo, erradicá-la foi a prioridade, tornando as habitações coletivas os principais alvos das políticas higienistas. Ao remover essas habitações precárias também foram removidos os moradores que nelas habitavam. Assim, a população pobre e, em

⁶ Sobre a História do Morro da Favela, ver Abreu (1994), Valladares (2005), Gonçalves (2013) e, sobretudo, Mattos (2004 e 2020).

grande maioria, negra foi sendo expulsa do Centro da cidade e se localizando, em parte, nos morros do seu entorno.

Ao longo das duas primeiras décadas do século XX, a população nas favelas cresceu e passou a sofrer o mesmo processo de estigma que sofrera quando ainda adensava as habitações coletivas do centro da cidade. As favelas passaram a ser tratadas como o território das classes perigosas, sendo essa a imagem mais comum durante a Primeira República (MATTOS, 2008: 196). Conforme sintetiza a charge a seguir da revista ilustrada *O Malho*, o Morro da Favella passou a significar a antítese do moderno e do civilizado. Representado pela violência, desordem e insalubridade, o morro se tornou o grande problema urbano da cidade.

Figura 2. Representações negativas do Morro da Favella



Fonte: YANTOK, Max. Instantaneo a lápis. *O Malho*. Ano XI. Rio de Janeiro. 20 abr. 1912. p. 43

No entanto, Mattos (2020) identifica que em especial o Morro da Favela passa a ser representado não somente nas páginas policiais, mas começa a catalisar, no decorrer dos anos 1920, o mesmo estigma dos bairros portuários, sobretudo da Saúde. Assim, o Morro da Favela e os seus habitantes se tornaram, no plano da memória social, os principais responsáveis pela Revolta

da Vacina, transferindo para o morro parte das representações associadas ao Bairro da Saúde (MATTOS, 2020).

Nesse contexto, as favelas passaram a ser objeto de interesse de artistas, intelectuais e urbanistas, que começaram a frequentar esses espaços, o que nos leva a estabelecer um paralelo com o fenômeno inglês do Slumming, muito comum na década de 1880 (Bottino, 2018: 24). Segundo Freire-Medeiros (2009: 29), membros de Igrejas e agências de assistência social, assim como cidadãos que simpatizavam com os pobres visitavam e frequentavam bairros degradados de Londres, como Whitechapel e Shoreditch, seja com o propósito de fazer filantropia seja apenas por curiosidade.

O Morro da Favella, também, foi alçado à lugar incontornável de visitas de grandes artistas e personalidades internacionais. Annibal Bonfim, em reportagem da revista *Para Todos*, de 24 de setembro de 1927, faz alusão a visita da Favella por estrangeiros: “Descobrir a favela, eis a última moda! Marinetti, Agache, o prefeito, todos os revistographos e jornalistas a lançaram. Resolvi fazer também minha descobertazinha...” A revista *Careta*, de 28 de março de 1931, compara o Morro da Favella justamente com o bairro de Whitechapel de Londres (Bottino, 2017: 11). Além do futurista italiano Marinetti, o escritor indiano Rabindranath Tagore, assim como os franceses ou franco-suíços: o romancista e poeta Blaise Cendrars, o dramaturgo, poeta e novelista Paul Morand, o músico Darius Milhaud e os urbanistas Le Corbusier e Alfred Agache visitaram a cidade e, obviamente, o Morro da Favella (BERENSTEIN-JACQUES, 2006).⁷

O poeta e escritor franco-suíço Blaise Cendrars foi um dos primeiros estrangeiros a demonstrar curiosidade por compreender um pouco mais sobre as favelas e os seus habitantes. Interessado pela produção cultural negra e

⁷ Esse fenômeno persistiu nos anos seguintes. Freire-Medeiros (2009: 81) faz também alusão às visitas do ator, diretor, escritor e produtor norte-americano Orson Welles, em 1940; Hugh Gibson, embaixador inglês, em 1939; José Casais, embaixador espanhol, em 1940 e do escritor franco-argelino Albert Camus, no final da década de 1940.

africana, Cendrars se aproximou de Donga, um famoso sambista carioca com o qual tinha um amigo em comum com Cendrars, Darius Milhaud. O samba era considerado pelos modernistas umas das principais formas de produção cultural brasileira. Nascido nos morros do Rio, o ritmo que inicialmente havia sido tomado como um símbolo de vadiagem, vinha se transformado em um dos símbolos da identidade nacional. O poeta franco-suíço ficou fascinado pela cultura, pelos hábitos e pelos habitantes das favelas. Participou de rodas de samba, comeu feijoada e subiu o morro. Ao longo desses passeios, ele se inspirou muitas vezes nos morros para realizar as suas produções artísticas. O seu olhar para este local foi contagiante, e muitos modernistas acompanharam o seu exemplo e voltaram seus olhares para as favelas (BERENSTEIN-JACQUES, 2000).

Outro visitante ilustre foi o urbanista francês Alfred Agache, convidado pelo prefeito Antônio Prado Junior para elaborar um plano de remodelação da cidade. Ele também visitou o Morro da Favela e foi muito bem recebido e acolhido por seus moradores. Berenstein-Jacques (2006) relata que o arquiteto Alfred Agache, em 1927, na sua terceira conferência na cidade, já comparava as favelas cariocas às cidades-jardins europeias. O arquiteto Le Corbusier também ficou muito impressionado e descreveu sua visita ao “Morro da Favella” em sua conferência no Rio em 1929. Realizou inúmeros desenhos dessas construções, alguns, aliás, bem semelhantes as telas dos artistas modernistas brasileiros da época, em particular, Tarsila do Amaral.

Dentre tantos visitantes, a visita de Marinetti era evocada pelos jornais para fazer referência a visita de estrangeiros às favelas. *O Jornal*, de 19 de julho de 1927 (página 7), afirmou que “Depois que Marinetti passou pelo Rio, tornou-se protocolar a visita dos estrangeiros ilustres a favela, o morro lendário que exhibe a sua vida humilde ao lado da agitação faustosa da avenida Rio Branco.” A sua visita, como descreveremos a seguir, mobilizou a mídia e seguiu sendo lembrada pelos jornais durante vários anos, conforme demonstra a reportagem

do jornal *O Globo*, de 19 de novembro de 1934 (página 4), que depois de fazer menção a Marinetti, afirma de forma irônica como as favelas estavam se tornando o novo ponto turístico da cidade:

Um dia teremos necessidade de teatralizar a favella (...) Por que não pedimos 'croquis' aos scenógraphos e não organizamos o elenco dos artistas que deverão distrair os estrangeiros no morro onde localizaremos uma das minas de ouro do nosso turismo? (...) A nossa favela pode vir a ser o mais caridoso e pitoresco dos embustes internacionais...

A VISTA DE MARINETTI AO MORRO DA FAVELLA

A viagem de Marinetti foi organizada pelo empresário italiano teatral Nicolino Viggiani, que anunciou em janeiro de 1926 a série de conferências de Marinetti no Rio e São Paulo (BARROS, 2010: 16). No Rio, proferiu conferências no Theatro Lyrico, nos dias 15 e 18, na Rádio Mayring Veiga, também no dia 18, e na Rádio Sociedade, no dia 19 (Mattos, 2015: 39). As apresentações públicas do escritor italiano eram performáticas e provocadoras, atraindo a atenção da opinião pública. Foi tratado no Brasil como uma personalidade e suas conferências foram amplamente divulgadas e estiveram sempre lotadas.

Figura 3. Propaganda da conferência do dia 18 de maio de 1926

THEATRO LYRICO - Empresa: N. Viggiani

HOJE — A'S 9 HORAS — HOJE
ULTIMA CONFERENCIA DE
Marinetti
O maior acontecimento esthetico do
dia
ULTIMA NOITE FUTURISTA
Frizas, 50\$; camarotes, 40\$; poltronas, 10\$; cadeiras, 7\$; balcões, 5\$000.
Tratando-se de um movimento que interessa principalmente ás classes intellectuaes, a empresa determinou preços especiaes aos estudantes, á disposição dos quaes ficam exclusivamente as localidades de varandas (3\$) e galerias (1\$000).

GRANDE COMPANHIA ITALIANA DE OPERETAS
CLARA WEISS
AMANHÃ — (—) — AMANHÃ
ESTREA — A's 9 horas — ESTREA
Com a novissima opereta de MARISCHA, musica de B. GRANIS-TATTEN (o mesmo autor da musica da "Duchesse del Bal Tabarin")

L'ORLOFF
NADIA NADIAKOWSKA OLARA WEISS
UM DOS MAIORES EXITOS THEATRAES DA ACTUALIDADE
Preços: — Frizas, 50\$; camarotes, 40\$; poltronas e varandas, 10\$; cadeiras, 6\$; balcões, 5\$; galerias, 3\$ e 2\$000.
AMANHÃ — L'ORLOFF — AMANHÃ

Fonte: O Jornal, Rio de Janeiro, 18 mai. 1926, p.15.

No entanto, a geração modernista de 1922 foi bem indiferente a visita do futurista. Além das críticas aos rumos do futurismo, sobretudo com a proximidade de Marinetti ao fascismo, a indiferença de alguns modernistas ao italiano refletia também conflitos internos do modernismo no Brasil, sobretudo em relação a Graça Aranha, que exerceu o papel de cicerone de Marinetti na cidade. O veterano escritor já vinha sendo criticado, conforme demonstra a manifestação de Mário de Andrade, publicada em 12 de janeiro de 1926, no jornal *A Manhã*, que considerava Graça Aranha um "passadista" disfarçado em trajes modernos (ROCHA, 2002).

De qualquer forma, muitos jornais demonstraram forte crítica à Marinetti, lembrando que o italiano já era desacreditado como artista, inclusive em sua capacidade de polemizar: "O Rio de Janeiro acaba de ouvir a palavra de um "louco manso" - Marinetti (...) Nós somos passadistas intransigentes!" (JORNAL BEIRA-MAR. Copacabana, Ipanema, Leme. Rio de Janeiro, 06 jun. 1926, p.1). O *Jornal do Brasil*, sempre muito crítico à visita de Marinetti, afirmou, em reportagem de 19 de maio de 1926, que Marinetti fora muito criticado durante a conferência da noite anterior, sobretudo pelos seus elogios ao fascismo.

Se, em São Paulo, Marinetti por vezes nem conseguiu proferir suas conferências, no Rio ele as realizou sob vaias. Segundo a revista ilustrada *Fon Fon*, de 12 junho de 1926: "O carioca tem uma verve scintilante, ironiza todas as coisas, sabe matar pelo ridículo (...) Por isso, Marinetti não encontrou no Rio campo largo para ser tomado a sério. Envolveram-no no ridículo, e o papa do futurismo nelle pereceu até o pescoço." Os estudantes criaram inúmeras paródias ácidas envolvendo o nome de Marinetti e as cantavam durante as conferências, como, por exemplo; "Ô Marinetti se eu fosse como tu, faria conferência completamente nu." (FON FON.Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiente, Rio de Janeiro, 12 jun. 1926, p.14.).

A visita ao Morro da Favela foi certamente um dos pontos mais polêmicos de sua visita ao Rio de Janeiro. Marinetti queria visitar locais com “mistura de população”, o que levou *O Jornal*, por iniciativa de Assis Chateaubriand, o então diretor desse jornal e futuro magnata das telecomunicações, a organizar a visita no Morro da Favella (BARROS: 2010: 69). O interesse de Marinetti foi certamente estimulado pelos ecos das visitas de Blaise Cendrars às favelas cariocas. Como descreve Berenstein-Jacques (2000: 186), o poeta Franco-suíço, “fascinado pela cultura dos negros que habitavam os morros do Rio, entrou realmente nas favelas para conhecer de perto seus habitantes, seus hábitos, e sobretudo, sua cultura singular”. Como já mencionamos, ele acabou sendo um entusiasta da cultura ali existente e influenciou os modernistas brasileiros em valorizar as favelas e suas manifestações culturais.

Acompanharam, segundo Barros (2010: 69), Marinetti e sua senhora: o próprio Assis Chateaubriand, e Sabóia de Medeiros, respectivamente diretor e redator-chefe de *O Jornal*, assim como dois fotógrafos e mais Afonso Arino de Melo Franco, encarregado de escrever a matéria. Do *Correio da Manhã*: Zózimo Barroso Filho, Rodrigo de Melo Franco e Collasanti. Vieram, ainda, Severino Barbosa Correia e Pinheiro Chagas. Duas senhoras acompanharam Benedetta Marinetti: Helena de Medeiros e Maria Henriqueta Barroso. Estiveram presentes também repórteres policiais, dois soldados da Polícia Militar e cinco moradores, que os acompanharam durante o trajeto (Jose Luiz, Justino de Oliveira, Adelino Lopes dos Santos, Augusto Ferreira e Antonio Ribeiro).

O passeio começou às 22h30. Antes de ir para o Morro, passaram pelo 8º Distrito Policial, onde os cinco mencionados moradores, enviados pelo chefe local do Morro da Favella, Jose da Barra, os encontraram para acompanhar a visita, que durou aproximadamente duas horas. Jose da Barra se chamava José Felisberto Ferreira, era pardo e contava 42 anos no momento da visita de Marinetti. Era natural de Barra do Piraí e chegou ainda jovem à Favela. Tornou-

se dono de um bar e de vários imóveis no local. Esse personagem foi se transformando na mídia no decorrer da Primeira República: de um jovem migrante de Barra do Piraí, transforma-se em um valente perverso até se converter, durante os anos 1920, em uma espécie de representante do comissário de polícia (Mattos, 2014: 7).

A melhor descrição da visita foi feita pelo jornal *Correio da Manhã*, de 19 de maio de 1926. A reportagem descreve as representações negativas sobre o Morro da Favella, mas reforça também a representação do morro da Favella como um local de resistência, “o coração da “barulhenta saúde”, em alusão à resistência desse bairro à revolta da vacina.

A descrição da visita pela reportagem do *Correio da Manhã*, de 19 de maio de 1926, é rica para compreender uma série de questões do cotidiano local. Em primeiro lugar, a questão do poder de José da Barra no morro. José da Barra foi descrito pelos jornais da cidade como *Il piccolo Duce* em referência à forma como Marinetti o chamou durante a visita. Ele impôs um controle rígido sobre os moradores e explorava estabelecimentos comerciais e a Sociedade Dançante Sujos e Limpos⁸, visitada por Marinetti. A mencionada reportagem do *Correio da Manhã* afirma que Jose da Barra impôs sua lei em arranjo com a polícia:

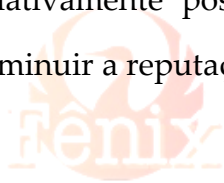
A situação evoluiu. As autoridades portaram-se à altura dos acontecimentos. A polícia não podia permanecer em pelotões no morro. Veio uma perfeita situação de entente-cordiale com os mais prestigiosos dungas. As autoridades da zona tacitamente delegavam poderes a esses obedecidos, homens fortes que passaram officiosamente a agir como representantes do commisário.(CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 19 mai. 1926, p. 3.)

⁸ A reportagem de 18 de maio de 1926 (página 1) do jornal *O Combate, independência, Verdade e Justiça*, de São Paulo, afirma que a Sociedade dançante Sujos Limpos era mantida pelo Jose da Barra, “il piccolo Mussolini do Morro”.

Figura 4. Marinetti na Sociedade Dançante Sujos e Limpos

Fonte: Careta. Rio de Janeiro, 29 mai. 1926, p.29.

A reportagem continua descrevendo o papel de Jose da Barra de forma relativamente positiva, indicando que ele impõe a lei no local, o que fez diminuir a reputação violenta da Favela:



www.revistafenix.pro.br

Só assim se resolveu o problema da pacificação lenta da favella. Dentro em pouco, com taes « o hos » de autoridade, foram as providências preventivas sendo adoptadas. Os botequins, as bodegas foram sendo fechadas, cedo. As pendências foram sendo resolvidas com o prestígio dos chefes amigos das autoridades. Hoje, a Favella, já às 8 horas, quasi toda dorme, e não há casas abertas. O chefe dá exemplo, fechando cedo o seu botequim ; e entregando-se ao seu interior. (CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 19 mai. 1926, p. 3.)

É interessante sublinhar que esse tipo de relação não foi objeto de questionamentos ou críticas. Observa-se, como bem identifica Romulo Costa Mattos, um significativo trabalho de enquadramento da memória durante a década de 1920 por jornalistas e intelectuais que atuavam no Rio de Janeiro em uma “tentativa de desmitificação dos salteadores e dos líderes de movimentos reivindicatórios que ficaram famosos entre os trabalhadores, bem como dos espaços habitados por esses atores sociais.” (MATTOS, 2012: 12). Assim, a

reportagem tacitamente valorizava o fato de Jose da Barra ser um mal necessário e indicava, inclusive, que o morro era dividido em dois bandos distintos:

A polícia, por deficiência de pessoal para o policiamento das zonas escusas, lança mão, na favella, de próprios elementos dali, para a manutenção da ordem. Creou, assim, duas entidades com autoridades toda local, prestigiando-lhes a ação, de modo que os pequenos factos, esses casos de todos os dias, que preocupam sobremaneira a acção das nossas autoridades, são ali mesmo resolvidos. Há na Favella dois bandos perfeitamente organizados, com as suas zonas restritas, de modo que um não invade as atribuições do outro, auxiliando-se, porém quando a necessidade o exige.⁹

Apesar das críticas pela ausência de intervenções dos poderes públicos, a reportagem valoriza a presença do Estado quando os visitantes descem a escada do pátio da Igreja em direção à ladeira do Barroso: “Do pateo da Igreja, amplo, com elegante Coreto ao lado, sacudíamos a vista com aquela bela escadaria que ia até a ladeira do Barroso. Era o primeiro sinal da assistência pública da municipalidade.” “Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 19 mai. 1926, p. 3). Mattos (2008: 2005) indica que por vezes a abordagem das favelas era contraditória, já que não obstante as representações negativas, a prefeitura interveio em algumas favelas no decorrer dos anos 1920, assim como era possível encontrar anúncios de barracões de favelas à venda nos jornais.

Ora, nessa mesma esteira, um dos membros da comitiva indagou se os terrenos são próprios. A resposta do informante trouxe muitas informações sobre a questão fundiária das favelas e as formas de exploração imobiliária: “O informante não sabe explicar. Sabe que um cavaleiro conhecido apenas por Cavalcanti, diz-se dono de tudo aquilo e aluga uma porção de terreno, a razão

⁹ **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 19 mai. 1926, p. 3. Romulo Costa Mattos defende, que após uma dura repressão ao Morro da Favela, houve uma espécie de acordo estabelecido com figuras do próprio Morro, como Jose da Barra e Aníbal Jose Ferreira, que representavam os dois bandos que controlavam o Morro da Favela (Mattos, 2014: 7).

de 5\$ e 10\$000 por ano. O locatário constrói a habitação e passa a pagar o aluguel acima estipulado” (CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 19 mai. 1926, p. 3). Muitas favelas da cidade surgiram e se expandiram sob a exploração econômica do solo ou das casas. Como sublinha Gonçalves (2012), o mercado de aluguel sempre esteve presente nas favelas e quem os explorava por vezes ali nem morava. Os jornais, sobretudo aqueles de tendência comunista, passaram a chamar esses personagens de faveleiros em referência àqueles que produziam favelas, explorando seus moradores. Voltando à visita de Marinetti, quando perguntaram se a prefeitura tinha conhecimento da atividade do tal Cavalcanti, o mesmo informante respondeu: “A prefeitura? Qual nada? O prefeito ignora a existência da favela.”(CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 19 mai. 1926, p. 3)

A prefeitura não ignorava as favelas e pelo relato da visita já se observava uma ambígua presença dos poderes públicos. Gonçalves (2013) denominou tal presença, analisando sobretudo o período do segundo pós-guerra, como uma espécie de tolerância precária, ou seja, já eram presentes alguns parques investimentos, como as escadas, por exemplo, mas nada que pudesse conduzir a um reconhecimento de fato das favelas. Isso fica notório quando um dos membros da comitiva se surpreende pela presença de iluminação nas ruelas da favela: “A eletricidade por aqui!... Exclama alguém da comitiva. Extraordinário. Jose da Barra explica. O morro é iluminado nas suas principais vias por algumas lâmpadas esparsas. A iluminação se apaga às 9 horas, a hora do silêncio.”(CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 19 mai. 1926, p. 3)

O interesse de Marinetti pela favela é surpreendente, mas pode ser compreendido também pelo seu esforço de marketing em vender sua própria pessoa e o futurismo. Se criticasse a presença das favelas poderia cair no senso comum das críticas contra esses espaços. Chocar e provocar eram parte de suas estratégias. De qualquer forma, a fala mais interessante e significativa da visita

foi proferida pela Sra. Marinetti, que, segundo a mesma reportagem do jornal *Correio da Manhã* (18 de maio de 1926) afirmou “com a sua fala discreta: ‘É um bairro de trabalhadores. É característico. Merece a observação humana.’”

Pois bem, além da busca do exotismo e de representações idílicas que povoavam as representações modernistas sobre as favelas, a fala de Benedetta Marinetti indicava uma realidade concreta da favela, ou seja, tratava-se de um bairro de trabalhadores e que não se diferenciava de tantos outros bairros operários de grandes capitais industriais ou em vias de industrialização ao redor do mundo durante os anos 1920. Segundo Romulo Costa Mattos, em um momento raro na imprensa da Primeira República, os habitantes do morro foram finalmente associados à classe trabalhadora, e não às “classes perigosas” (Mattos, 2015: 52). Como veremos a seguir, apesar da inovação de abordagem dos artistas modernistas sobre as favelas, o pensamento urbanístico não conseguiu as conceber como espaços de trabalhadores e continuaram associando-as à marginalidade e insalubridade.

Outros jornais também relataram a excursão de Marinetti, como o jornal *A Imprensa*, de 22 de maio de 1926 (página 1), que informou que o futurista “fez uma excursão ao Morro da Favella, célebre centro de criminosos e vagabundos, manifestando-se encantado pelo local.” O jornal *O Globo*, de 18 de maio de 1926, também sublinhou o fascínio de Marinetti pela favela: “Aquilo é incomparavelmente superior à Copacabana, como situação, como vista, e é inacreditável a beleza que dali eu descortinei, sobretudo do *plateau*: a cidade apareceu iluminada e magnífica. Deslumbra! Que sítios privilegiados escolheu aquela gente!” (O GLOBO. Rio de Janeiro, 18 mai. 1926). Ainda segundo a reportagem do jornal *O Globo*, de 18 de maio de 1926, Marinetti ficou surpreendido também pelas construções: “As construções surpreenderam-me agradavelmente, com as suas latas, seus marrados, seus cercados.”

No entanto, parece realmente que seu maior interesse em visitar o local era a questão racial. Marinetti chegou mesmo a afirmar durante a visita ao

Morro da Favella, que o negro da favela é diferente do da África: “o negro do Brasil, o negro da Favella é curioso” (O GLOBO. Rio de Janeiro, 18 mai. 1926). Tendo em vista que Marinetti subiu o morro de madrugada e encontrou poucas pessoas no Morro, a mesma reportagem do jornal *O Globo*, em tom sarcástico, convidou Marinetti a subir o morro durante o dia para ver a situação local e compreender o cotidiano da população:

Grande Marinetti! Sobe de novo a Favella, num dia de sol como o de hoje. Vae ver como a população dali sofre e trabalha: repare naquelas pobres lavadeiras que vivem a corar e bater roupa o dia inteiro, naquelas mulheres e crianças que se rendem morro abaixo, morro acima, carregando água para as refeições miseráveis para a limpeza das casas de onde te espiava o trabalhador insone porque não tinha pão que dar hoje à mulher e aos filhos. Volta grande Marinetti ao morro da favela e escreve o teu poema.

A reportagem crítica o exótico da visita de Marinetti e, empregando a retórica futurista, demonstra a expectativa que a visita do poeta italiano se convertesse na modernização local:

[...] e diz com os seus versos, lembra com as tuas conferências, que é preciso que o motor suba até a favela, que é preciso que velocidade circule por lá nos fios elétricos e nos encanamentos de água, e que os arranha-céus se levantem para abrigar tanta miséria.

O esforço de parte da mídia em demonstrar que a favela não era mais o espaço da marginalidade e violência usava a retórica própria do discurso futurista. O esforço era de demonstrar que a parte negativa da favela era coisa do passado, fazendo inclusive alusão ao Sertão (e provavelmente a Canudos) na descrição a seguir da vestimenta de seus moradores: “A favela foi um caso muito sério, mas nos tempos em que as mulheres usavam tranchas e os homens chapéu de coco. Coisas que mesmo os nossos passadistas extremados já não admitem mais...” (A NOITE. Rio de Janeiro, 18 mai. 1926, p.2)

A reportagem do Jornal O Combate, Independência, Verdade e Justiça, de 18 de maio de 1926, tenta compreender o que levou Marinetti a se encantar pela favela. Ele afirma que “Marinetti encontrou um encanto poderoso na favella. O morro pitoresco não terá sido, propriamente, para ele, a ‘colina inspirada’, mas alguma coisa de raro em matéria de desenvolvimento urbano.” A reportagem afirma que o encanto veio pelo aspecto pitoresco, contrário à normalidade do senso comum, mas que não poderia ser compreendida como algo propriamente futurista:

Ao passo que aqui a circunstância do bairro pitoresco se ter constituído sobre o dorso de uma colina, dificultando-lhe, assim, o acesso, determina ahi a persistência daquele aspecto bizarro e inconfundível que se não é o que se pode desejar, de mais precisamente futurista, acaba sendo uma criação, que foge a insipidez de todos os moldes conhecidos ou classificados.

O *Jornal do Brasil*, de 23 de maio de 1926, comenta sobre o exagero de levar Marinetti ao Morro da Favella, o que só reforçaria a ideia das favelas como lugar violento. Apesar das críticas, a reportagem do *Jornal do Brasil* sublinha a importância de se pensar na urbanização das áreas dos morros da cidade, não só pelas exigências estéticas e que a falta de casas em áreas próximas do centro poderia ser sanada pelo uso das áreas livres dos morros. É interessante notar que a visita de Marinetti traz as favelas para o debate público com temáticas diversas e com posicionamentos muito distintos.

REPERCUSSÕES DA VISITA AO MORRO DA FAVELLA: QUANDO O FUTURISTA VIROU PASSADO

A organização da visita de Marinetti era um grande jogo de marketing. Ele aparecia na mídia com suas visitas ou artigos, o que suscitava debates e polêmicas para as conferências, que estiveram cheias e renderam somas vultuosas para Marinetti. Fabris (1994: 225) relata que na conferência do dia 18

de maio de 1926, ele repetiu informações da conferência de três dias antes e discorreu sobre a arquitetura da cidade do Rio de Janeiro, sobre suas impressões da visita ao Morro da Favella e das relações entre futurismo e fascismo.

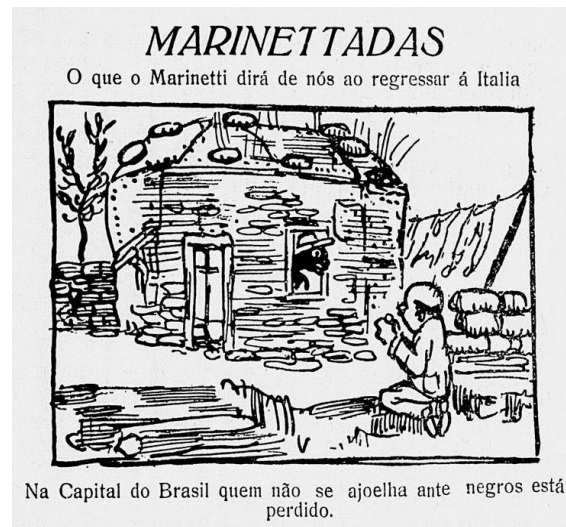
Conforme relato do jornal *A Noite*, de 19 de maio de 1926, se, de um lado, Marinetti descreve o Rio como uma cidade moderna com seu trânsito e arranha-céus, ele descreve também o seu encantamento pelo pitoresco de sua geografia e sobretudo pelo Morro da Favela: “que só não é o melhor dos bas-fond por ser a mais linda colina do Rio.” O seu comentário suscitou reações e a mencionada reportagem do jornal *A Noite* relata um incidente com o orador e professor Castro Rebello, que lhe faz uma remarca que tal comentário é comunista. Por sua vez, o *Jornal do Brasil*, de 19 de maio de 1926, também ressaltou a manifestação de Castro Rebello, mas relata que ele acusou Marinetti de passadista ao descrever a favela. De qualquer forma, seja comunista ou passadista, a mesma reportagem do *Jornal do Brasil* avisa que Marinetti o contestou, chamando-o de romântico.

Inúmeros jornais formularam a mesma crítica de Castro Rabello à visita de Marinetti ao Morro da Favela, como a reportagem da revista ilustrada *O Malho*, de 5 de junho de 1926, que afirmou que Marinetti “apenas encontrou casebres infectos, latas de gasolina fingindo telhas e a ausência dos garys da limpeza pública.” Por sua vez, o *Jornal de Recife*, de 27 de outubro de 1926, afirmou: “Apesar do turista Marinetti achá-las pitorescas e dignas de conservação... passadistas, talvez por serem os tugúrios italianos peores que os nossos.” Por sua vez, o escritor Benjamin Costallat, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, de 19 de maio de 1926, afirmou: “Parecem-me tão velhas as teorias novas e revolucionárias de Sr. Marinetti.” A visita de Marinetti à Favela foi inclusive um dos quadros de um espetáculo de humor, chamado *Geladeira*. O *Correio da Manhã*, de 1º de junho de 1926, descreve assim o espetáculo em cartaz no Teatro São Jose:

Entre outras críticas, Geladeira terá o futurismo de Marinetti, o assunto em voga nessas últimas semanas, veremos o futurismo na favela, com autênticos valentões passadistas e jornais cicerones. Aguenta, Felipe, dirão os espectadores ao verem o chefe da publicidade do fascismo às voltas com o bam-bam-bam da zona do crime.

A insistência em considerar as favelas como espaços passadistas ganhava por vezes uma conotação racista. A reportagem de 28 de maio de 1926, da revista ilustrada de tom satírico, *O Sacy*, da cidade de São Paulo, é extremamente crítico a Marinetti e não esconde o incômodo dele visitar e valorizar o Morro da Favella, identificando esse espaço como um bairro negro da cidade: “Essa ideia [visita ao morro da favela] que só era digna da cabeça de um doido varrido, foi aceita com alvoroço por toda a grei e posta em prática, logo a seguir. (...) [Marinetti vai] dizer lá fora que isto é uma terra de negros e salteadores, sem a gente lhe poder ir a mão.” A reportagem traz ainda uma série de charges, denominadas Marinettadas, sobre o que Marinetti falaria do país ao voltar à Itália. Uma das charges mostra Marinetti em uma favela com a seguinte descrição: “O que Marinetti dirá de nós ao regressar à Itália. Na capital do Brasil quem não se ajoelha ante negros está perdido.”

Figura 7. Questões raciais da visita de Marinetti



Fonte: O Sacy. São Paulo, 28 mai. 1926 p. 13

Apesar do interesse de Marinetti em visitar as favelas justamente pela presença da população afro-brasileira e de seus comentários relativamente positivos sobre a visita, a referência à favela no poema-reportagem de Marinetti, "Velocità Brasiliane. Rio. Palascenico del teatro oceano", escrito após o seu retorno à Itália, tampouco é positivo quanto aos aspectos raciais da favela e reforça paradoxalmente os aspectos passadistas do local em contraposição aos aspectos futuristas do restante da cidade:

Porém, a cem metros diante de nós cochila primitiva e quase pré-histórica a colina do Morro da Favela, enfeitada no topo por palmeiras-reais, cheia de bossas de uma sujeira de caixas caixinhas caixotes de madeira zinco detritos que servem de moradia aos negros mais anti-sociais e olham do alto a insolente riqueza veloz das avenidas. (Traduzido e citado por FABRIS & FABRIS, 1999: 144)

Apesar das incongruências de Marinetti, sua visita reforçou o movimento dos artistas modernistas de integrarem a favela em sua busca pela identidade nacional. No entanto, como observa Berenstein-Jacques (2000: 191), a brilhante geração de jovens arquitetos modernistas brasileiros, ao contrário dos outros artistas e intelectuais integrantes do movimento modernista, não

mostrou um interesse particular pelas favelas. A busca pela identidade nacional na arquitetura se voltou sobretudo para a arquitetura colonial e não houve interesse por habitações nativas ou pelas formas de habitar em favelas. Ao contrário, a ideia do urbanismo moderno, como sustenta Robinson (2006: 21), se consolidou a partir do desenvolvimento do seu contraponto. No caso do Rio de Janeiro: as favelas.

No entanto, como já mencionamos, dois arquitetos de renome internacional, Alfred Agache e Le Corbusier, visitaram as favelas nesse mesmo período. No dia 18 de setembro de 1927, Alfred Agache visitou o morro da Favella e sua “excursão”, com feijoada, parati (cachaça) e samba, ganhou forte visibilidade: “A tarde, a comitiva deixava a Favella, fundamente impressionado de todo o original espetáculo assistido.” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 19 de setembro de 1927, p.2). Corbusier, por sua vez, visita a cidade em incorpora a moldura natural aos seus projetos para a cidade. Como descreve Bruno Carvalho (2012), a visita de Le Corbusier rende croquis do cenário e um relato que ressalta aspectos técnicos das moradias nas favelas, como o fato dos espaços serem exíguos, mas bem aproveitados e com janelas amplas. Berenstein-Jacques (2006) questiona se a solução de construção em Pilotis e a sinuosidade dos prédios de Le Corbusier não foram influenciadas pela geografia da cidade e, em particular, pelas particularidades da ocupação dos morros da cidade. A descrição de Le Corbusier da visita indica elementos importantes sobre as formas de construção e a disposição do espaço nas favelas, assim como dá uma grande centralidade à questão racial:

Quando escalamos as “favelas” dos negros, morros muito altos e escarpados, onde eles dependuram suas casas de madeira e taipa, pintadas com cores vistosas, e que se agarram a esses morros como os mariscos nos enroscamentos dos portos: os negros são asseados e de estatura magnífica, as negras vestem-se de morim branco, irrepreensivelmente lavado; não existem ruas ou caminhos, é tudo muito empinado, mas atalhos por onde escoam o esgoto e a água da chuva; ali ocorrem cenas da

vida popular animadas por uma dignidade tão magistral que uma requintada escola de pintura de gênero encontraria, no Rio, motivos muito elevados de inspiração; o negro tem sua casa quase sempre a pique, sustentada por pilotis na parte da frente, com a porta atrás, do lado do morro; do alto das "favelas" sempre se contempla o mar, as enseadas, os portos, as ilhas, o oceano, as montanhas, os estuários; o negro vê tudo isto; o vento reina, útil sob os trópicos; existe orgulho, no olhar do negro que contempla tudo isto; o olho do homem que avista horizontes vastos é mais altaneiro, tais horizontes conferem dignidade; eis aqui uma reflexão de urbanista (LE CORBUSIER, 2014: 228)

No entanto, os urbanistas brasileiros dialogaram pouco com as favelas. É possível encontrar alguns conjuntos habitacionais sob pilotis na cidade, que acompanharam as curvas de nível, na cota dos morros. Tais conjuntos indicavam que os morros poderiam ser um espaço de habitação popular, mas não dialogavam com o modo de construção das favelas, já que se subentende que tal localização era justamente para substituir ou evitar que as favelas ocupassem outros morros da cidade. Podemos citar, por exemplo, os conjuntos Getúlio Vargas (Bairro de Guadalupe), Pedregulho (São Cristovão), ou o Minhocão, no Bairro da Gávea.

As posições dos artistas modernistas sobre as favelas nunca foram consensuais e, conforme defende Ferreira (2017: 313), foram objetos de críticas à época, já que as favelas continuaram sendo compreendidas como símbolo do atraso e da decadência da civilização brasileira:

Mais outra desagradável surpresa.: olha, já de volta pro outro caminho: olha para os lados e vê no morro da Favella que tanto encantou o futurista Marinetti... Fica ainda mais surpreso de encontrar no centro da cidade uma aldeia, cujas casas de caixas de Kerosene são cobertas de zinco velho e rendado! Mais esta que o pobre visitante não esperava.! (JORNAL BEIRA MAR, Copacabana, Ipanema, Leme. Rio de Janeiro, 22 ago. 1926, p.5.)

Tais críticas não tardaram a se manifestar em termos de políticas públicas. Mattos Pimenta, atuante no mercado imobiliário da cidade e grande

entusiasta na implementação de políticas de habitação operária para erradicar as favelas, criticou abertamente a posição dos modernistas e defendia a implementação de políticas de habitação operária para erradicar as favelas existentes:

Senhores, deplorável e incompreensível, nefasto e perigoso é o vexo que adquiriram alguns de nossos intelectuais, de glorificarem as favellas, descobrindo poesia e beleza, por uma inominável perversão ao gosto, nestes aglomerados triplamente abjetos como antiestéticos, antissociais e anti-higiênicos. [...] Ridículo e revoltante é a tendência que vai se acentuando entre nós, ao bafejo de certos espíritos boêmios de aceitar as favellas como uma característica nossa, uma instituição feliz e interessante, digna de ser legada aos nossos pósteros como tradição nacional.(CORREIO DE MANHÃ, 18 de nov. 1926)

O mesmo Mattos Pimenta, citado por Berenstein-Jacques (2000: 189), afirmou em seu discurso no Rotary Club (Para a remodelação do Rio de Janeiro, pronunciado em 12 de novembro de 1926): "É urgente que (...) se levante uma barreira profiláctica contra a infestação desmedida das belas montanhas do Rio de Janeiro pela praga das favellas - lepra da estética (...)".

Sob influência de Matos Pimenta, o prefeito Antônio Prado contratou o já mencionado urbanista Alfred Agache para realizar um projeto urbanístico para a cidade. As disposições do plano vão ao encontro das ideias de Mattos Pimenta: "A sua lepra suja a vizinhança das praias e os bairros mais graciosamente dotados pela natureza, despe os morros do seu enfeite verdejante e corroe até as margens das mattas na encosta das serras." O plano propõe "uma urbanização lógica dos morros", que significa que "uma vez sua população provisória abrigada em habitações provisórias", poderiam ser construídas "villas de residência para os pequenos funcionários e os empregados do comércio" (Agache, 1930: 190). Enfim, fica implícito que a urbanização lógica dos morros pressupõe a expulsão dos que ali moram. Ao contrário do mencionado comentário de Benedetta Marinetti na visita ao Morro

da Favella, parece que a mencionada “organização lógica dos morros” não era para os favelados e nem os reconhecia como trabalhadores e cidadãos.

CONCLUSÃO

A visita de Marinetti sofreu forte resistência local, sobretudo em relação à proximidade de Marinetti com o regime fascista. Tais críticas manifestam também conflitos internos ao próprio movimento modernista brasileiro, que já vinha se afastando das ideias futuristas. Apesar do interesse de artistas modernistas pelas favelas, a visita ao Morro da Favela foi sistematicamente utilizada para materializar tais críticas ao polêmico italiano: “Não exagero, Marinetti matou de vez o futurismo, no morro da favela, com o bastão passadista do venerando Graça Aranha.”(A CRUZ: Orgão da Parochia de S. João Baptista. Rio de Janeiro, 27 jan. 1929, p. 3)

Marinetti voltou à América do Sul em 1936, mas passou primeiro na Argentina, onde sofreu enormes críticas quando defendeu a invasão italiana à Abissínia pelo regime de Mussolini no congresso internacional do PEN (abreviatura de *Poets, Essayists and Novelists*) Club Internacional. Apesar das enormes críticas à sua fala em um congresso de uma organização pacifista, Marinetti sofreu muito menos resistência no Brasil, o que já refletia o direcionamento autoritário que o regime varguista se revestia, inclusive com a presença de integralistas no governo. A estadia de 1936 no Brasil foi mais curta e não há relatos que tenha voltado ao Morro da Favella. O jornal *A Noite*, de 23 de setembro de 1936, conta que ao avistar o Morro da Favella durante uma entrevista, Marinetti fez menção de o ter visitado, mas o jornalista, como observa Orlando de Barros (2010: 220), não explorou infelizmente a questão na reportagem.

As visitas de Marinetti e da leva de personalidades ilustres ao Morro da Favella durante a década de 1920 indicam uma maior complexidade no trato da

questão das favelas nesse período. Se essas se tornavam gradualmente o grande problema urbano da cidade, elas se transformavam também em espaços de resistência. As fronteiras entre áreas formais e informais no Brasil são sobrepostas e complexas, mas seguem padrões racializados, que ainda carecem de entendimento (Fischer, 2007). Com um discurso racializado, as favelas cariocas foram cada vez mais referenciadas, na memória social do período, ao conflito de Canudos ou à Revolta da Vacina.

Os anos 1920 nos trazem a possibilidade de refletir sobre os contornos de inserção das favelas no debate público. É nesse mesmo contexto que os modernistas brasileiros rompem o discurso higienistas e ousam integrar as favelas como parte incontornável da construção da identidade nacional. Para o bem ou para o mal, as favelas se tornam efetivamente um espelho onde todo o Brasil pode se ver refletido.



www.revistafenix.pro.br

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. "Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro", *Espaço & Debates*, nº 37, 1994, p.34-46.

ALMEIDA, Rafael Gonçalves de. **Favelas do Rio de Janeiro: a geografia histórica da invenção de um espaço**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ANTAS, Mayra Cristine Pessôa. **A construção de uma imagem: a representação das favelas cariocas no início do século XX a partir das charges**. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

BARROS, Orlando de. **O pai do futurismo no país do futebol: as viagens de Marinetti ao Brasil em 1926 e 1936**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

BERENSTEIN-JACQUES, Paola. As favelas do Rio, os modernistas e a influência de Blaise Cendrars. *Interfaces*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 185-200, 2000.

BERENSTEIN-JACQUES, Paola. Learning from favelas in Nunes, Brasilmar Ferreira (org), **Sociologia de capitais brasileiras: participação e planejamento urbano**. Brasília: Liberlivro, 2006.

BOTTINO, Caroline Martins de Melo, Favela à vista! Das primeiras expedições ao turismo organizado in **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**, Brasília: Anpuh, 2017.

BOTTINO, Caroline Martins de Melo. Das primeiras expedições ao turismo organizado: a trajetória das visitas nas favelas da cidade do Rio de Janeiro. **ABET**, v.8, n.1, 2018, p.23-38.

BRUM, Rosemary Fritsch. Entre presenças e escritos: reverberações da viagem de Marinetti em 1926 na América Latina. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 38, 2012, p. 160-172.

CARVALHO, Bruno. "A Favela e sua Hora". **Revista Piauí**, nº671, Abril de 2012.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

CONDURU, Roberto, Ronda Favela, roda in DINIZ, Clarissa e CARDOSO, Rafael (org), **Do Valongo à favela. Imaginário e periferia**, Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2015, p.56-80.

COPETTI, Rafael Zamperetti. Futurismo italiano e modernismo brasileiro. **UniLetras**, v. 29, n. 1, 2007, p. 77 – 91.

FABRIS, Annateresa & FABRIS, Mariarosafaria. "C'est trop beau! C'est plus beau que le Bosphore! Pauvre Stambul!". **Revista USP**, nº42, 1999, p.142-151.

FABRIS, Annateresa. **Futurismo Paulista: hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

FERREIRA, Lohanne Fernanda Gonçalves. Geografia e arte: uma análise da produção da representação da favela nas obras de Cândido Portinari. **Terr@ Plural**, v.11, n. 2, 2017, p.304-326.

FISCHER, Brodwyn, Partindo a cidade maravilhosa, in OLIVIA, Maria Gomes da Cunha e GOMES, Flávio dos Santos, **Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p.419-450

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na laje**: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GONÇALVES, Rafael Soares e BAUTÈS, Nicolas, Cidade Nova, Praça Onze e a abertura da Avenida Presidente Vargas. Do apagamento à ressurgência e enquadramento da memória da 'Pequena África' do Rio de Janeiro. In: LANNA, Ana Lucia Duarte, SOUCHAUD, Sylvain Souchaud e CYMBALISTA, Renato, **Transições metropolitanas** : centralidades nas cidades brasileiras no breve século XX, São Paulo: Annablume, 2019.

GONÇALVES, Rafael Soares, "O mercado de aluguel de favelas e sua regulação em uma perspectiva histórica", **GEOgraphia**, nº26, 2012, p.114-135.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro**: história e direito. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-RIO, 2013.

LE CORBUSIER. **Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MATTOS, Romulo Costa. **A "aldeia do mal"**: o Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República. 2004. 270 p. Dissertação mestrado em História - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

MATTOS, Rômulo Costa. **Pelos Pobres! Campanhas pela construção de habitações populares e discursos sobre as favelas na Primeira República**. Tese (doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

MATTOS, Romulo Costa, A ocupação policial do morro da Favela no contexto do 1o Centenário da Independência e o discurso sobre José da Barra (o "chefe de polícia" da localidade), **Anais do XVI Encontro Regional da ANPUH-RJ**, Rio de Janeiro: ANPUH, 2014.

MATTOS, Romulo Costa, "Reino do céu" ou "território das classes perigosas", Diniz, Clarissa e Cardoso, Rafael (org), **Do Valongo à favela. Imaginário e periferia**, Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2015, p.38-55.

MATTOS, Romulo Costa. O Morro da Favela como o território das "classes perigosas" na Primeira República. In: GONÇALVES, Rafael Soares, AMOROSO, Mauro e BRUM, Mário. **Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas**. Editoras PUC e Pallas, 2020.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz 100 anos**: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

ROBINSON, Jennifer. **Ordinary cities**: Between modernity and developpement. New York: Routledge, 2006.

ROCHA, João Cezar de Castro. O Brasil mítico de Marinetti. **Jornal Folha de São Paulo**, Suplemento Mais, 12 mai. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1205200204.htm>>. Acesso em 01 novembro de 2020.

SCHNAPP, Jeffrey T. & ROCHA, João Cezar de Castro. Brazilian Velocities: On Marinetti's 1926 Trip to South America. **South Central Review**, Vol. 13, Nº 2/3, 1996, p.105-156.

SILVA, Lucia, Silva, L. "Freguesia de Santana na cidade do Rio de Janeiro, Territórios e etnia no último quartel do século XIX". **Urbana**: Revista eletrônica do centro interdisciplinar de estudos sobre a cidade, vol. 7, nº10. 2015.

VALLADARES, Licia. **A invenção da favela**: do mito de origem a favela.com. 6ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

VELLOSO, Monica Pimenta. **História e Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VIANA, Evelyn Furquim Werneck, **Avenida Presidente Vargas**: uma drástica cirurgia. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

RECEBIDO EM: 12/09/2022

PARECER DADO EM: 29/11/2022